

Este boletim é uma publicação da Confederação Nacional das Empresas de Seguros Gerais, Previdência Privada e Vida, Saúde Suplementar e Capitalização – CNseg.

ENTREVISTA

Apesar do aumento da produção, indústria ainda não mostra uma tendência clara

André Macedo

Gerente de Coordenação de Indústria do IBGE

A produção industrial subiu em maio 0,8%, no segundo mês consecutivo de expansão. Neste ano, entre altas e baixas, cresceu 0,5%. Para André Macedo, gerente de Coordenação de Indústria do IBGE, não há uma tendência clara.

1. O que os dados da produção industrial revelam de mais importante?

Em abril e maio, houve um comportamento positivo da produção. Há um ganho acumulado de 1,9% nesse período, eliminando a perda de 1,6% em março. Mesmo assim, a indústria tem um espaço importante a recuperar face às perdas de 2015 e 2016. Há uma distância de 18,5% em relação ao ponto histórico da pesquisa, de junho de 2013, e o nível em que a indústria opera hoje é semelhante ao de fevereiro de 2009. Em maio, não só a produção cresceu como se disseminou em 17 dos 24 ramos pesquisados e em todas as categorias econômicas. Destaco os bens de consumo duráveis e os bens de capital. Entre os duráveis, há um impacto positivo dos automóveis, e os eletrodomésticos contribuíram também. Mas o comportamento dos automóveis em maio não quer dizer que exista uma trajetória bem definida para esse segmento. Nos últimos meses, a produção de veículos foi errática, crescendo num mês e caindo muito no outro. (*Segundo a Anfavea, a associação do setor, a produção automobilística em junho caiu 15,4% em relação a maio.*)

2. Esse comportamento errático é observado nos demais bens duráveis?

De forma geral, sim. Embora a inflação esteja baixa, pelo lado do mercado de trabalho temos um comportamento ainda pouco favorável. E o setor de duráveis tem relação direta com o crédito, que, apesar da queda dos juros, ainda é caro. Então esse segmento, apesar da melhora, não tem uma trajetória consistente. Em relação ao ponto mais elevado da série histórica, junho de 2013, a distância é de 31,4%. Nos dois últimos meses, há um comportamento mais positivo. Só que, em abril, ele não teve nada a ver com os automóveis, foi muito mais calcado em eletrodomésticos e motos. Ora um grupo dos duráveis dá um impulso, ora outro, não há uma tendência clara. Além dos duráveis, os de capital foram destaque em maio, com a indústria automobilística também explicando parte desse resultado.

3. A crise política tem afetado o desempenho da indústria?

Todo ambiente de incerteza gera reflexo na economia. Na indústria, os empresários podem adiar ou reduzir investimentos, e pelo lado das famílias isso pode adiar o consumo. Como os dados se referem a maio, e a turbulência política aumentou a partir de junho, a pesquisa acaba não captando isso. Pesquisas de outros institutos já mostram redução das expectativas em junho. Isso pode indicar dados piores do IBGE em junho e nos meses à frente.

EDITORIAL

Marcio Serôa de Araujo Coriolano

Presidente da CNseg



Planos de acumulação influenciam menor crescimento

Divulgados pela Susep os dados de maio, a maioria dos ramos do conjunto de seguros de Patrimônios e Responsabilidades melhorou sua performance em relação a igual mês do ano passado, ao contrário do ocorrido em abril. Ainda com esse resultado, o acumulado dos primeiros cinco meses de 2017 comparados aos mesmos de 2016 mostra leve queda de 0,7% nesse conjunto.

Já nas Coberturas de Pessoas, após os desempenhos fortes dos Planos de Acumulação (VGBL e PGBL) no primeiro trimestre, maio repetiu de perto o fraco movimento de abril. Em consequência, o crescimento da proteção de rendas durante o ano se reduziu, embora ainda em patamar alto, de 30,0% até março e 19,2% até abril para 13,3% até maio.

O resultado agregado do mercado, fortemente ponderado pelos ramos de Pessoas, e de novo acumulando-se períodos, revela queda de ritmo, evoluindo de 13,9%, para 8,8% e para 7,0% em três, quatro e cinco meses, respectivamente.

Como aludimos na última Carta, em face do ambiente de incertezas e volatilidades não há como estimar tendências duradouras a médio prazo. Mas, examinando movimentos de ramos líderes, já se percebem resultados mais promissores no volumoso segmento de Automóveis, cuja arrecadação de maio a maio cresceu 9,2%; e nos persistentes ramos Habitacional, com 11,9%, e de Crédito e Garantias, com vigorosos 61,4%.

Conforme os dados da Susep, o provisionamento técnico continua adequado, com reservas de R\$ 832,3 bilhões em 12 meses encerrados em maio e prêmios de R\$ 245,7 bilhões.

Nesta Carta, o economista Lauro Faria, da Escola Nacional de Seguros, volta a nos brindar com sua análise acurada.

Boa Leitura!

por Lauro Faria

Economista da Escola Nacional de Seguros

Os dados divulgados pela Susep relativos a maio mostraram aceleração ante os de abril: os prêmios de produtos de risco de Coberturas de Pessoas cresceram 12% em relação a maio de 2016, as contribuições aos Planos de Acumulação aumentaram 13,2% e os prêmios de seguros de Ramos Elementares, 12,3%, percentuais muito superiores à inflação. Assim, no acumulado de jan./mai. 2017, houve continuação do crescimento moderado do mercado de seguros verificado desde o início do ano, in tandem com o resto da economia. De fato, no 1º quadrimestre do ano, o IBC-Br (uma aproximação do PIB) mostrou na série dessazonalizada crescimento de 1,2% sobre o último quadrimestre de 2016, fato que não ocorria desde fins de 2014.

No período de jan./mai. 2017, a arrecadação dos vários produtos regulados pela Susep, inclusive capitalização, atingiu R\$ 97,5 bilhões, 7,0% acima do ocorrido no mesmo período de 2016, superando também a inflação. Os prêmios diretos dos produtos de risco de seguros de Pessoas aumentaram 11,1%, com destaques para os ramos Prestamista (22,1%) e Viagem (56,1%). O mesmo não ocorreu com os prêmios de seguros de Vida, cujas taxas empataram com a inflação. A arrecadação de produtos de acumulação cresceu 13,5%, porém com desaceleração em relação às taxas do início do ano.

Nos Ramos Elementares (seguros de Responsabilidades e Patrimônios), a receita caiu 0,9%. Os prêmios do DPVAT, em razão de decisão do CNSP, diminuíram 30,2%. No lado positivo, destacam-se os seguros Habitacional (+11,2%), de Crédito e Garantias (+29,9%) e Rural (+21,8%). A arrecadação do principal ramo do grupo (Automóveis) teve taxa positiva, de 5,5%. Esse fato reflete a recuperação das vendas no varejo de veículos, motos, partes e peças, que, segundo o IBGE, tiveram na série dessazonalizada expansão real de 1,3% entre o 1º quadrimestre de 2017 e o último de 2016. A sinistralidade agregada do mercado de seguros (exceto produtos de Acumulação) supervisionado pela Susep caiu de 49,4% em jan./mai. 2016 para 47,1% em jan./mai. 2017, mostrando continuação do esforço de ajuste técnico das seguradoras. O índice de despesas de comercialização subiu de 22,4% para 23,3% no mesmo período de 2017.

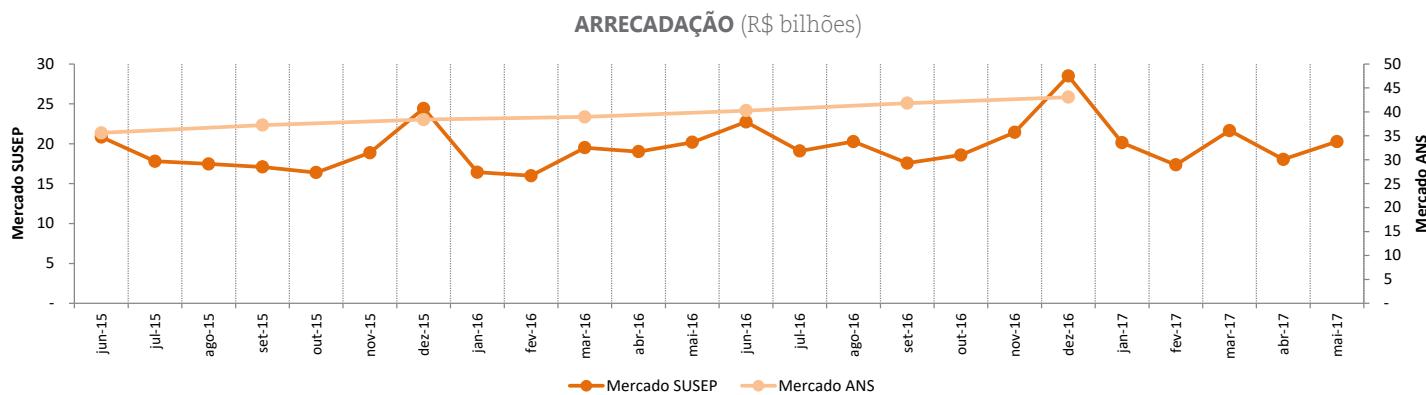
Refletindo as dificuldades da conjuntura, as despesas administrativas das seguradoras cresceram só 1,3% entre jan./mai. 2017 e jan./mai. 2016, o resultado financeiro caiu 13,7% (consistente com a redução da taxa Selic) e o resultado patrimonial, 7,1%. Com isso, o lucro líquido agregado das seguradoras decresceu 2%, e a rentabilidade anualizada do patrimônio líquido passou de 23,8% para 21,8%. As seguradoras pequenas e médias (PMEs) tiveram resultados diferentes das grandes: a receita de prêmios de seguros cresceu mais acentuadamente (+7,7%), a despesa administrativa ficou quase estável (+0,4%), e o resultado financeiro teve menor queda (-4,6%). Desse modo, as PMEs tiveram crescimento de 14,6% no lucro líquido, e a rentabilidade anualizada do patrimônio líquido subiu de 6,7% para 10,4%.

O mercado ressegurador local teve também evolução favorável no 1º quadrimestre. Os prêmios emitidos cresceram 19,7% sobre igual período de 2016, e os sinistros ocorridos caíram 31,2%. O lucro líquido aumentou 29,5%, e a rentabilidade anualizada do patrimônio líquido subiu de 12,4% para 14,7%. Sendo a demanda de seguros derivada da aquisição de bens, serviços e patrimônios que os agentes econômicos entendem ser necessário proteger dos azares da vida, claro está que a manutenção do cenário de recuperação do mercado de seguros no resto de 2017 e em 2018 depende do que se vai passar na economia em geral.

Nesse particular, não há como descolar a política econômica da crise política, e aquela da economia em geral. Notemos que o mercado ajustou para baixo suas expectativas de produção: conforme o boletim Focus, no início do ano, as medianas das projeções dos analistas para a variação do PIB e da produção industrial em 2017 eram de 0,5% e 1%, respectivamente; atualmente, caíram para 0,39% e 0,66%. Em função da previsível demora de aprovação das reformas trabalhista e previdenciária e da piora da situação fiscal, as autoridades já acenam com redução do ritmo de queda dos juros e majoração de tributos. Os mercados de câmbio e de capitais andam de lado, mas a precificação da crise não se intensificou. O que nos faz lembrar a advertência do economista americano Rudiger Dornbusch: "Em economia, as coisas demoram mais tempo do que se pensa para acontecer e então acontecem mais rapidamente do que se espera".

É certo, porém, que melhoraram as expectativas de inflação (tanto que o CMN reduziu pela primeira vez a meta para os próximos dois anos), bem como o desempenho do setor externo da economia. Assim, pode-se dizer cautelosamente que o mercado de seguros tende a ter um crescimento real de arrecadação moderado em 2017 e possivelmente recuperação de margens de lucro começando no segundo semestre, tanto pelos fatores macroeconômicos positivos que persistem (apesar da crise) como por desenvolvimentos que lhes são internos, como a comercialização de novos produtos (Seguro de Automóvel Popular e Seguro de Vida Universal), criação de novas coberturas de produtos existentes (Riscos Cibernéticos, erros e omissões de prestadores de serviços, etc), crescimento do mercado de resseguro e aprimoramento de práticas comerciais com o avanço da exploração da mobilidade digital.

DESEMPENHO DO MERCADO



		Até maio		2017/2016	abril	maio	Variação nominal %
		2016	2017		2017	2017	
1	Ramos Elementares	29.097,7	28.846,4	-0,9%	5.309,5	5.963,9	12,3%
1.1	Automóvel	12.640,9	13.338,1	5,5%	2.514,4	2.948,1	17,2%
1.2	DPVAT	5.012,3	3.499,8	-30,2%	500,7	556,6	11,2%
1.3	Patrimonial	4.153,9	4.222,2	1,6%	756,4	847,9	12,1%
1.3.1	Massificados	2.885,2	3.058,9	6,0%	588,1	647,2	10,0%
1.3.2	Grandes Riscos	1.102,6	1.052,7	-4,5%	151,0	180,1	19,3%
1.4	Habitacional	1.384,4	1.539,7	11,2%	310,0	312,3	0,8%
1.5	Transportes	1.049,3	1.040,6	-0,8%	218,7	212,2	-3,0%
1.6	Crédito e Garantia	1.115,5	1.449,2	29,9%	332,7	323,6	-2,7%
1.7	Garantia Estendida	1.117,1	1.112,3	-0,4%	229,6	217,3	-5,4%
1.8	Responsabilidade Civil	631,2	660,9	4,7%	107,6	117,3	9,0%
1.9	Rural	1.210,8	1.475,2	21,8%	273,8	339,8	24,1%
1.10	Marítimos e Aeronáuticos	402,2	275,2	-31,6%	44,3	54,8	23,9%
1.11	Outros	380,0	233,2	-38,6%	21,2	33,9	59,7%
2	Coberturas de Pessoas	53.778,1	60.694,1	12,9%	11.260,2	12.684,2	12,6%
2.1	Planos de Risco	12.292,8	13.654,6	11,1%	2.669,0	2.987,9	12,0%
2.1.1	Vida	5.170,6	5.424,8	4,9%	1.049,4	1.187,1	13,1%
2.1.2	Prestamista	2.960,3	3.614,5	22,1%	741,5	749,1	1,0%
2.1.3	Viagem	135,3	211,1	56,1%	38,4	48,8	26,9%
2.1.4	Outros	4.026,7	4.404,2	9,4%	839,7	1.002,9	19,4%
2.2	Planos de Acumulação	39.934,4	45.310,7	13,5%	8.224,2	9.307,8	13,2%
2.2.1	Família VGBL	36.790,2	41.725,9	13,4%	7.524,7	8.532,7	13,4%
2.2.2	Família PGBL	3.144,2	3.584,8	14,0%	699,4	775,1	10,8%
2.3	Planos Tradicionais	1.550,9	1.728,8	11,5%	367,1	388,5	5,8%
3	Capitalização	8.244,3	7.915,9	-4,0%	1.475,2	1.624,6	10,1%
=1+2+3	Total	91.120,0	97.456,5	7,0%	18.044,9	20.272,8	12,3%

**Acesse. Ouça. Compartilhe. Curta.
Conecte-se com a CNseg!**

RádioCNseg
radio.cnseg.org.br



O Canal Seguro



@CNsegOficial